

# MÃE BETE, SACERDOTISA DE UMBANDA AOS 60 ANOS: O DESTINO DE UM ORI COMO EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO ENTRE A VIVÊNCIA COLONIAL E A DECOLONIAL

Elisabete Bissiato Fantini Caes\*  
André Luiz Caes\*\*

## Introdução

Poucas experiências de vida podem ser mais autênticas e singulares do que a trajetória de Pais e Mães de Santo que dirigem os muitos milhares de terreiros de Umbanda e demais religiões afro-brasileiras espalhados por todo o Brasil.

Se a diversidade de características que constituem as religiões afro-brasileiras já é marcante, inclusive nas denominações e ritualísticas, as experiências de vida dos sacerdotes e sacerdotisas que fazem essas religiões acontecerem cotidianamente em todos os lugares do país, é um tema que merece ser estudado e conhecido.

Com base nessa perspectiva, este artigo acompanha a percepção de Lísias Nogueira Negrão (1993) que estudou com bastante profundidade a Umbanda em São Paulo, e, a partir de suas reflexões, destacou:

Nossas pesquisas têm demonstrado a complexidade da umbanda em São Paulo. Federações de terreiros e estes próprios constituem um sub-campo específico dentro do campo religioso global, assumindo as primeiras o caráter de uma ortodoxia exercida por presidentes e líderes, frente à contestação mágica dos segundos, exercida pelos pais-de-santo. **São os terreiros as instâncias criativas do culto, locus da construção mítica e ritual, onde a umbanda é vivida em seu cotidiano encantado de crenças e práticas mágicas, voltado para as necessidades de seu público interno.** (NEGRÃO, 1993, p. 114, grifo nosso)

Essa percepção de Negrão, colhida no contexto de suas investigações ainda nas décadas de 1980 e 1990, é válida ainda hoje. Afirmamos isso à medida que realizamos atualmente estudos sobre as religiões mediúnicas no Sul do estado de Goiás, e constatamos resultados que indicam a mesma diversidade das Umbandas e caminhos similares dos terreiros e Pais e Mães de Santo, conforme estão descritos nos estudos desse autor.<sup>1</sup>

Mas é importante pensar aqui, em sintonia com a proposta deste dossiê: como essas experiências singulares de Pais e Mães de Santo, tanto na sua formação pessoal como na condução cotidiana de seus terreiros, templos, centros ou tendas, pode contribuir com a perspectiva do pensamento decolonial?

Para refletir um pouco sobre essa indagação, tomei como base as reflexões de Ballestrin (2013), Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) e Ribeiro (2020), à medida que estes auto-

\* Psicóloga, Acupunturista e Sacerdotisa da Casa de Cultura Espiritualista Morada dos Orixás, Templo de Umbanda e de Culto aos Orixás, em Morrinhos (GO).

\*\* Docente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Sul – Morrinhos, docente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (PPGAS) da mesma universidade, Campus Sudoeste – Quirinópolis, e docente da Graduação em História na UEG, Campus Morrinhos.

<sup>1</sup> Temos em desenvolvimento um projeto denominado “As religiões mediúnicas no sul de Goiás: os múltiplos aspectos da presença dessas tradições religiosas na cultura e na sociedade”, o qual está vinculado tanto ao Mestrado em História da Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS - UEG) - Campus Sul - Morrinhos, como ao Curso de Graduação em História do mesmo Campus. O projeto é desenvolvido com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEG.

res, nesses trabalhos, nos introduzem com clareza ao que implica a proposta epistêmica da decolonialidade.

Partindo desses textos, podemos pensar o processo de decolonização como a desconstrução da visão de sociedade que constitui o fundamento do que foi definido por Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 17) como: “sistema-mundo capitalista / patriarcal / cristão / moderno / colonial europeu”, que se expandiu pelo globo a partir do século XV.

Essa visão de sociedade, que foi construída nesses vários séculos de dominação, impôs aos próprios dominados em geral, a visão dominante, procurando calar as vozes discordantes e formalizando em todos os campos das sociedades dominadas a perspectiva do pensamento único, ou seja, de que a economia, a política, as relações sociais e culturais só podem ser interpretadas corretamente a partir dos pressupostos do sistema mundo colonial europeu (RIBEIRO, 2020, p. 24, 25).

Por esse e outros tantos outros motivos, para os autores citados acima, é fundamental repensar e desconstruir essa dominação ainda hoje fundamentada em bases colonizadoras, e substituí-la por outra perspectiva que possibilite aos que foram colonizados viverem a partir de suas próprias visões de mundo. Nas palavras de Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 21):

Encena-se, no projeto decolonial, um diálogo entre povos colonizados ou que vivenciam a colonialidade. A transmodernidade é o projeto utópico que Enrique Dussel propõe para ir além da versão eurocêntrica da modernidade. Em vez de uma única modernidade, centrada na Europa e imposta ao resto do mundo como um desenho global, Dussel propõe que se enfrente a modernidade eurocentrada através de uma multiplicidade de respostas críticas decoloniais que partam do sul global, escutados não apenas aqueles que se encontram geograficamente ao Sul, mas aqueles povos, as culturas e os lugares epistêmicos que foram subalternizados pelo projeto eurocêntrico da modernidade (GROSFUGUEL, 2009: 408). Esse projeto oferece a possibilidade de constituir uma rede planetária em favor da justiça, da igualdade e da diversidade epistêmica.

Essa proposta, ao nosso ver, coloca as religiões afro-brasileiras também no debate decolonial, à medida que os constantes ataques a essas religiões, desferidos pelos movimentos mais radicais entre os cristãos, são motivados por essa perspectiva de uma visão única, nesse caso em relação às possibilidades de existência e manifestação das experiências religiosas.

Assim, Pais e Mães de Santo, atuando em seus terreiros, templos, centros e tendas espalhados por todo o Brasil (e também por outros países), vivenciam cotidianamente a luta contra o pensamento colonizador, enfrentam os preconceitos forjados nas concepções dominantes e se esforçam para que a liberdade de pensamento, crença e de manifestação sejam alcançadas desde os níveis mais básicos da sociedade, nos quais acontece a vida cotidiana das pessoas.

Poucos destes Pais e Mães de Santo estão familiarizados com o pensamento decolonial, mas suas atividades como líderes espirituais possibilitam que as vozes dos que pensam fora da visão colonizadora seja escutada e atendida, pelo menos numa situação de experiência local, mesmo que, às vezes, restrita à vivência religiosa.

Com essa perspectiva em mente, nas páginas a seguir, Mãe Elisabete – ou simplesmente Mãe Bete – fala sobre sua experiência de vida e sua experiência específica como sacerdotisa de Umbanda, nos dando um pequeno exemplo da riqueza que acompanha as trajetórias dos Pais e Mães de Santo que conduzem corajosamente os templos das religiões afro-brasileiras no contexto de acirramento dos preconceitos que marcou as últimas décadas no Brasil.

### **Um processo pessoal de descolonização da mente? Ou o destino de um Ori?**

Me chamo Elisabete Bissiato Fantini Caes, nasci na cidade de São Paulo, tenho 69 anos, sou formada em Psicologia e fiz um curso de Acupuntura, trabalhei 40 anos na área da educação, no serviço público e em consultório. Hoje estou aposentada e me dedico integralmente a ser Mãe de Santo.

Sou Mãe de Santo da “Casa de Cultura Espiritualista Morada dos Orixás”, localizada na cidade de Morrinhos – Goiás, na Rua Eurípedes Mariano Borges, quadra A, lote 14 – Jardim Santa Terezinha. O Templo foi construído durante a pandemia da COVID 19, foi fundamentado e sacralizado no mês de agosto de 2021 e passou a realizar os atendimentos no mês de outubro de 2021, quando a Prefeitura da cidade permitiu o retorno dos cultos religiosos, que estavam suspensos devido às normas de distanciamento adotadas na pandemia.

Anteriormente os atendimentos das Entidades que eu incorporo aconteciam nos cômodos do fundo, na minha residência, localizada na Rua Lombardia, quadra 29, lote 19 – Jardim Romano. Esses atendimentos começaram no mês de agosto de 2015.

Venho de uma família religiosa ligada à seita Testemunha de Jeová, meus pais eram muito fervorosos, como eles diziam, porém à medida que eu fui crescendo eu não concordava com a filosofia deles, com aquilo que eles professavam. Isso me indignava, porque é como se eles obrigassem a gente a acreditar naquilo. Conforme eu fui crescendo eu fui me distanciando e eles se distanciando também da minha pessoa, porque toda vez que nós conversávamos sobre religião, era imposição e não diálogo. À medida que eu fui crescendo eu

2. A “Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz” (AMORC), em seu site apresenta a seguinte definição: “A Ordem Rosacruz – AMORC é uma organização místico-filosófica, (dividida por jurisdições idiomáticas), sem fins econômicos, cultural, educacional e apolítica, que busca promover o autoaperfeiçoamento do ser humano por meio do despertar de seus poderes interiores, a fim de que tenha uma vida mais plena e integral. A Ordem Rosacruz conserva um conjunto de técnicas milenares, mas sempre atualizadas, comprovadas pelo tempo e capazes de promover este despertar.” Disponível em: <https://amorc.org.br/quem-somos/>, acesso em 27/07/2023.
3. Experimentos, segundo a entrevistada, são as práticas realizadas cotidianamente para vivenciar os ensinamentos místicos.

rompi com isso, procurei outros caminhos. Procurei... me envolvi com outras religiões.

Conforme eu fui ficando adulta eu me envolvi, após ter me casado, através de conhecidos, com a Umbanda, isso lá no estado do Paraná. Gostei muito da Umbanda, achei muito interessante como eles se apresentavam, a fé que eles tinham. Eu tinha nessa época 26 anos. Só que... como era muito longe de São Paulo, onde eu residia, eu também me distanciei um pouco. Mas eu continuei a minha busca. Nessa época eu fui procurar o Kardecismo, fui procurar estudar o Kardecismo, eu lia muito. Mas não lia só sobre o Kardecismo, há muitas coisas que eu li também sobre filosofia oculta.

Então, desde adolescente eu era interessada em magia, em óvnis, em magia celta, eu era interessada nas feitiçarias que eram apresentadas nos filmes. Eu ficava curiosa e instigada sobre como é que isso podia acontecer, ou então que não podia e esses livros e filmes falavam que podia. Eu era muito menina nessa época, eu ia me deitar e ficava pensando se existia, se não existia, como é que era, se era possível, onde isso acontecia.”

Então eu fui lendo, conforme eu fui crescendo eu fui lendo, o que caía na minha mão eu lia. Logicamente que eu lia escondido porque dentro da minha casa eu não podia ler. Até que, quando eu fiquei adulta e me casei, fui morar na minha casa, aí eu tinha tranquilidade de comprar os livros e ler.

Foi nessa época que eu conheci o Kardecismo, fui estudar o Kardecismo, comecei a ir no Centro Kardecista, fui fazer os cursos do Kardecismo. Frequentava, ajudava e passei a participar do Kardecismo. No Kardecismo chegou uma época que também já não me agradava mais. Porque começava a coisa muito igual, muito igual, todas as respostas eram as mesmas.

Foi quando eu busquei a Ordem Rosacruz<sup>2</sup> por conhecer uma pessoa que frequentava a Ordem Rosacruz. Quando eu me tornei Rosacruz, aí as coisas mudaram, porque eu passei a compreender muita coisa, eu lia tudo que chegava da Ordem Rosacruz, fazia todos os “Experimentos”<sup>3</sup> da Ordem Rosacruz, a Ordem Rosacruz não é uma religião, é uma Ordem mística. E da Ordem Rosacruz eu juntei... quando chegou num grau que a gente estudava a Cabala, eu juntei me aprofundar na Cabala.

Eu comecei na Ordem Rosacruz quando eu tinha 34 anos e continuo até hoje. Já estudei todos os graus dos ensinamentos da Ordem.

Comecei a estudar a Cabala e até hoje eu leio muito sobre Cabala. Porque eu me interessei por saber como as coisas acontecem. O que levou cada povo a ter aquela crença daquele jeito. Por exemplo, o que levou os judeus a terem aquela crença daquele jeito, os indí-

nos a terem aquela crença daquele jeito. Porque a Ordem Rosacruz é universal, então ela apresenta a forma das religiões pelo mundo, além dos ensinamentos próprios dela. E eu me identifiquei muito com a Cabala, gosto da Cabala, é uma, não é religião, é uma tradição ocultista muito séria e muito profunda.

Só que, nesse caminho, toda vez que alguém falava em Umbanda me despertava uma coisa. Eu falava “que maravilha o Preto Velho”, “que maravilha um Caboclo”, como pode acrescentar? Como que isso pode acontecer? Quando me falavam “fulano de tal vai no Centro de Umbanda” eu ficava morrendo de vontade de ir.

Até que um dia eu tomei a decisão de ir. Eu me perguntava: por que que eu não vou? Eu posso ir. Nessa época eu morava na cidade de Rio Claro (SP). Procurei um Centro e fui e daí eu gostei muito. Não foi outra coisa, eu gostei. Eu não estudei Umbanda, eu gostei de ficar lá, eu gostei de ficar no Templo, eu gostei e me interessei. Assim que eu entrei lá para receber o atendimento, eu já recebi uma entidade, eu gostei, essa entidade eu trago comigo até hoje, que é uma Preta Velha, e eu não sabia por que eu gostava tanto.

Isso aconteceu quando eu tinha 50 anos.

Aí eu fui me envolvendo, comecei a conversar muito com o Pai do terreiro, o Pai André<sup>4</sup> ele foi me ensinando muita coisa. Eu, quando uma coisa me interessa eu vou buscar, comecei..., como é uma tradição mais oral, na época não conhecia muita literatura, depois vi que tinha uma literatura até que muito diversificada, porque cada Pai de terreiro escrevia a seu modo e até hoje continua assim, eu fui estudando, fui lendo o que aparecia, eu ia atrás, eu lia, fui ficando muito interessada e acompanhava bastante o movimento do terreiro.

Nesse terreiro o Pai também me envolveu na religião dos Orixás, porque ele se envolveu bastante com a tradição africana do Culto aos Orixás e eu fui acompanhando. Quando eu vi eu estava dentro da religião dos Orixás, junto com a Umbanda, me distanciei um pouco da Cabala e continuei na Ordem Rosacruz e assim estou até hoje. Eu sou da Ordem Rosacruz e sou umbandista.

Quando eu me envolvi com o Pai André, toda a família dele, com o Templo, eu frequentava bastante o Templo, acompanhava os rituais de Umbanda e ele foi apresentando para mim, assim como para os outros, a religião do Culto aos Orixás. Na época eles traziam para o Brasil alguns Babalaôs africanos e esses Babalaôs africanos eles vinham e iniciavam pessoas no Culto aos Orixás e nos Orixás.

O que é isso? É uma iniciação que você faz num determinado Orixá, de acordo com o Jogo de Búzios.<sup>5</sup> Você joga os Búzios e aí nesses Búzios vai dar quais Orixás que você vai ter que iniciar. Eu me interessei muito porque a teologia dos Orixás é muito interessante, eu queria vivenciar essas iniciações. E eu fui fazendo as iniciações, eu fiz uma, fiz duas, eu gostei, fiz a terceira, fiz a quarta e eu me

4. Pai André Luís de Moraes é o líder do Templo de Umbanda Vovô Serafim e Ogum Três Espadas, localizado na cidade de Rio Claro (SP). Este Templo já está em atividade há 38 anos com os rituais próprios da Umbanda. Em certo momento, Pai André decidiu conhecer a religião africana, como é praticada na Nigéria. Decidiu não fazer esse caminho por meio do Candomblé, mas procurou aprender com Babalaôs vindos da África para o Brasil com o intuito de ensinar o Culto aos Orixás conforme acontece hoje na Nigéria. Esses aprendizados e rituais com os Babalaôs acontecem já há uma década no Templo em Rio Claro (SP).

5. Nas tradições africanas não é apenas o Jogo de Búzios que é utilizado, há outras formas de oráculo, também ligadas a Ifá, o Orixá que conhece os destinos das pessoas e que orienta por meio desses oráculos.

sentia muito bem no desenvolvimento dessas coisas, assim como no culto da Umbanda, que é completamente diferente dos Orixás. Embora tenha muitas coisas das africanidades na Umbanda. Porém, a Umbanda acrescenta ainda outras religiões, como a influência católica e espírita.

Enquanto o tempo foi passando, eu fui aprendendo, até que chegou um dia que eu tinha que me distanciar do Templo, por causa de uma mudança de Estado, a mudança de Rio Claro (SP) para Morrinhos (GO). Mas nesse contexto todo, muitas vezes saiu no Jogo de Búzios que uma das coisas que eu tinha que me tornar era uma sacerdotisa de Orixá.

Eu sempre achei que eu poderia me tornar, mas era uma coisa muito distante. Porque eu não fiz esforço nenhum para me tornar uma sacerdotisa de Orixá. Eu fui aprendendo, eu fui fazendo, mas sem o objetivo de me tornar uma sacerdotisa, eu queria aprender para mim, eu queria vivenciar tudo aquilo para mim, eu não queria vivenciar para cuidar de alguém.

Eu não tinha interesse em ter um Templo. Mas eles, os Babalaôs, falavam para mim, “você um dia vai ter um templo”, para mim era uma coisa muito distante, porque eu não imaginava eu poder fazer um templo, eu não imaginava que eu ia ter uma responsabilidade de ter um templo, e nem que eu era competente para ter um templo. Um monte de vezes eu falei que eu não era competente, eu não me sentia competente para ter.”

Mas, eles falavam, e eu, apesar de internamente falar assim: “Mas será? Mas será? Mas será?”, eu não fiz um movimento para isso.

Até o dia que, mudando de Estado, na minha casa, antes de mudar, foi dito pelo Pai André que eu ia ter uma casa, que no fundo da minha casa eu ia abrir um quartinho que teria um atendimento. E foi isso que foi feito.”

À medida que foi vindo pessoas, um casal se aproximou e falou que faria um templo. É isso que aconteceu. Eu tinha 60 anos quando mudei para Goiás e no fundo da minha casa nós começamos a fazer o atendimento.”

A experiência foi a seguinte: conversando com alguns amigos, nós decidimos que eu poderia atender algumas pessoas. E nós começamos a atender e um dia começou a vir gente, começou a aparecer gente, fomos atendendo, aumentou o número de atendimentos, até que o espaço ficou pequeno. Primeiro precisamos aumentar o espaço, fazer uma reforma, mas aí já havia uma frequência média de 30 a 40 pessoas em cada Gira.

Aí chegou esse casal e se dispôs a montar um templo para nós. A construir um templo. No período de distanciamento da pandemia, eles compraram o terreno

fizeram a construção e fizeram a doação para a Associação que foi formada para gerir a Casa de Cultura Espiritualista Morada dos Orixás. Esse nome foi adotado porque tenho formação espiritualista, além do sacerdócio na Umbanda e no Culto aos Orixás.

E nesse interim eu fiz iniciação para sacerdote já, fiz mais iniciações para Orixás e mais iniciações da Umbanda para ser sacerdotisa. De Umbanda e de Orixá.

**Figura 1.** Mãe Bete em seu Templo de Umbanda, num quarto do fundo em sua residência em Morrinhos (GO).



**Fonte:** fotos dos autores.

Eu sinto que, embora eu não tenha feito um movimento com a intenção de ser sacerdotisa e de ter um Templo, a espiritualidade falou para mim “tá aqui, é só trabalhar”.

**Figuras 2 e 3.** A Casa de Cultura Espiritualista Morada dos Orixás, Templo de Umbanda e Culto aos Orixás com capacidade para 180 pessoas, localizado em Morrinhos (GO).



**Fonte:** fotos dos autores.



**Fonte:** foto dos autores.

Eu me sinto muito bem trabalhando, mas hoje eu gostaria de ter começado mais cedo, por causa da idade. Eu acho que eu deveria ter começado mais cedo, mas eu não sei como eu começaria mais cedo.

Eu sinto que o templo de Umbanda proporciona às pessoas um lugar de acolhimento. Um lugar de acolhimento no sentido espiritual, um lugar de acolhimento no sentido emocional, diferente do que seria acolhido, por exemplo, por profissionais.

Porque a pessoa vai lá, com a fé dela, ela pede aos guias para que eles ajudem elas nos problemas que elas estão vivendo. E ao mesmo tempo que ela pede aos guias sobre os problemas que estão vivendo, elas também se abrem para as pessoas, se abrem para os guias, e aquilo permite que exista um contato mais humano das pessoas, entre as pessoas e os guias, que traz um conforto para as pessoas.

Então, não é simplesmente um ela falar e não ouvir resposta. É um ela falar e sentir que tem alguém ali presente ouvindo, que vai ajudá-la a chegar numa figura divina, maior, que seria Jesus, os Santos, os Orixás e mesmo Deus. Isso proporciona para ela um grande alívio.

E a busca, em função das condições que a gente está vivendo, de situação de mundo atual, elas aumentaram, porque como aumentam os problemas, consequentemente as buscas aumentam.

Então se fala que a Umbanda, ela faz a caridade dela através do atendimento às pessoas gratuitamente para que dê assistência mesmo, assistência para os males da vida física se for necessário, porque muita gente está doente e procura a Umbanda para alcançar uma recuperação. E também tem a orientação emocional e espiritual. Do meu ponto de vista, porque quando uma pessoa é acolhida e entendida, ela está tendo um acolhimento emocional, mas para todos os seus problemas.

O Templo trabalha com os rituais normais de Umbanda e com os rituais normais dos Orixás. Na verdade, somente os rituais normais da Umbanda estão abertos ao público. Festas



de Pretos Velhos, Caboclos e Baianos, festa de Cosme e Damião, Festa de Iemanjá, as Giras de todas as Entidades, incluindo Exus e Pombagiras.

Já o culto aos Orixás, o Ossé, como chamamos, é, por enquanto, apenas para os médiuns, pois aos poucos estou ensinando sobre o Culto aos Orixás e alguns médiuns até já foram até o Pai André para fazerem a iniciação. Aos poucos, vamos ensinar também os frequentadores do Templo e depois vamos realizar o ritual para todos.

A Umbanda é alvo de intolerância religiosa por uma classe de pessoas de um jeito, e é alvo de intolerância religiosa, que eu não sei que nome dar, de outro jeito.

No primeiro jeito, as pessoas não gostam de falar que vão num centro de Umbanda, mas quando precisam, vão. Isso não é intolerância religiosa, mas ninguém admite que vai. Então você aceita a Umbanda ou você não aceita. Não tem como aceitar só metade, ou você acredita ou você não acredita. Então é uma coisa que é mascarada. Se você chegar numa rua e perguntar, ninguém vai falar que vai num centro de Umbanda quando precisa, mas vai.

E tem uma classe de pessoas que é religiosa e que não vai por achar que é de Satanás. Então não sei que nome dar para essas duas coisas diferentes, mas que ambas são formas de preconceito.

Ela não é uma religião de elite, então muitas pessoas não frequentam porque não é uma religião de elite. É uma religião que tem um preconceito de uma classe social de pobreza, então tem muitos lugares que procuram ficar distantes, muitas pessoas procuram ficar distantes por essa questão de pobreza.

Então são várias intolerâncias, são várias formas, não dá para colocar tudo num balaio só. Não é porque é de negro, é porque é de pobre mesmo. Nos evangélicos, tem muitos negros nos evangélicos, não é só a questão negra, a questão é o preconceito de onde ela vem. O que foi colocado na cabeça dela. Porque o negro evangélico é superior ao negro umbandista.

O nosso Templo teve uma repercussão boa, porque é um Templo bem localizado, bem estruturado, bonito, então ele tem uma repercussão boa. As pessoas que trabalham, trabalham de uma forma correta, procuramos fazer o mais correto dentro da tradição de Umbanda possível.

E o Templo ganhou certo respeito na cidade, então ele é visto de forma bem positiva. Então isso faz com que cada vez mais venham pessoas, inclusive de outras cidades vizinhas. É um centro que prima pela responsabilidade nos atendimentos. É um centro que procura fazer tudo dentro das regras que são recomendadas pelas federações de Umbanda, mesmo não sendo filiado a nenhuma.

O centro é legalizado, com todos os documentos necessários. É um centro que não visa lucro. Precisamos sim de dinheiro para manter o centro, mas não para lucro. O dinheiro que nós temos como doações é para a manutenção

do centro e não para lucro do centro, ninguém ganha nada para trabalhar.

### **Reflexões finais**

Mãe Bete é branca, com seus ancestrais maternos e paternos tendo migrado para o Brasil vindos da Itália. Sua formação familiar aconteceu dentro dos padrões da cultura europeia e cristã, mesmo que marcada pelas características particulares das Testemunhas de Jeová.

Sua formação acadêmica e profissional também aconteceu dentro desses padrões, pois cursou Psicologia na Universidade Metodista em São Bernardo do Campo (SP) e atuou na Educação pública como Professora, e depois como Psicóloga do Serviço Público no atendimento de casos do Conselho Tutelar e também do funcionalismo público. Seus interesses pessoais sempre foram muito além de sua formação, tendo estudado Acupuntura em uma Escola Chinesa, em São Paulo (SP), e, sendo Rosacruz há 35 anos, vem estudando as tradições místicas presentes nas mais diversas culturas. O intuito, segundo suas palavras, sempre foi obter essa conexão espiritual que caracteriza os chamados “buscadores”.

Como todos os que buscam respostas para a perspectiva espiritual da existência, sua experiência é “sincrética” ou fundada na “bricolagem” e no “hibridismo”, conceitos tão importantes nos estudos sobre o trânsito religioso que caracteriza estes nossos tempos.

Ser identificada por um Babalaô nigeriano, a partir do Jogo de Búzios, como uma mulher que tinha a missão de ser uma sacerdotisa e que teria que comandar um Templo, foi uma experiência que transformou toda a sua vida, mesmo que já estivesse com 50 anos de idade. Assumir essa missão e buscar aprender tudo que fosse possível sobre a Umbanda e o Culto aos Orixás, realizar todas as iniciações necessárias nos Orixás e para o sacerdócio, indica o esforço e a coragem para assumir sua liderança, dentro dos limites de sua ação numa cidade do interior de Goiás, para que a Umbanda e os Orixás sejam vividos e compreendidos tanto quanto possível.

Mas como encaixar Mãe Bete dentro da perspectiva decolonial? Se a mesma nunca havia escutado a palavra, que lhe foi apresentada pelo interlocutor.

Como procuramos refletir na “Apresentação”, é muito significativo que Pais e Mães de Santo, que são milhares espalhados por todas as cidades do país, realizam no seu cotidiano os atendimentos espirituais a partir das concepções construídas nesses séculos de colonização, não preocupados com questões políticas (mesmo que saibam da importância das mesmas), mas interessados em que as religiões afro-brasileiras, na sua imensa variedade, possam atuar livremente e oferecer suas perspectivas de existência social e religiosa para todas as pessoas que as procuram.

A luta dos mesmos contra o preconceito é básica, e acon-

tece cotidianamente no incentivo para que os participantes das Giras e demais rituais deixem de ter vergonha ou medo de afirmarem que são umbandistas ou que frequentam os terreiros, templos, centros ou tendas. Por outro lado, há a necessidade de se pensar na representatividade e na força das lideranças dessas religiões para que as mudanças atinjam objetivos mais amplos.

A decolonialidade é um projeto amplo de defesa dos direitos e perspectivas dos povos colonizados, possibilitando-lhes a oportunidade de questionarem visões restritivas, preconceituosas e intolerantes contra as manifestações do pensamento, da cultura e das religiões que não seguem a cartilha da visão do colonizador.

Mas é fundamental, para essa nossa perspectiva, que todas as manifestações, mesmo as mais simples e mais interiorizadas por todas as localidades do Brasil, sejam compreendidas como participantes desse processo de luta, mesmo que não estejam dentro dos padrões da reflexão acadêmica e politizada.

## Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, Brasília, maio-agosto, 2013, p. 89-117.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOQUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 1, jan-abril 2016.

GROSGOQUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 113-122, 1993.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Religião, decolonialidade e princípio pluralista. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 23, n.1, jan./jun. 2020, p. 21-40.

Neste texto, Mãe Bete fala sobre sua experiência como sacerdotisa de Umbanda, nos dando um pequeno exemplo da riqueza que acompanha as trajetórias dos Pais e Mães de Santo que conduzem corajosamente os templos das religiões afro-brasileiras – vivenciando cotidianamente a luta contra o pensamento colonizador – no contexto de acirramento dos preconceitos que marcou as últimas décadas no Brasil.

## RESUMO

Umbanda, sacerdócio, vivência colonial e decolonial.

## PALAVRAS-CHAVE

In this text, Mãe Bete talks about her experience as a priestess of Umbanda, giving us a small example of the richness that accompanies the trajectories of the Fathers and Mothers of Saint who warmly lead the temples of Afro-Brazilian religions – experiencing the struggle against colonizing thinking on a daily basis. – in the context of heightened prejudices that have marked recent decades in Brazil.

## ABSTRACT

Umbanda, priesthood, colonial and decolonial experience.

## KEYWORDS

---

### ELISABETE BISSIATO FANTINI CAES

Sacerdotisa da Casa de Culto Espiritualista  
Morada dos Orixás, Morrinhos -GO

### ANDRÉ LUIZ CAES

ORCID: 0000-0003-4879-9037  
E-mail: andreluizcaes@gmail.com

RECEBIDO: 25.04.2023  
ACEITO: 20.05.2023